

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ELÂNDRIA STEFANI SANTOS CARMO

**CLASSES MULTISSERIADAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PORTO FIRME:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA À LUZ DOS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA**

VIÇOSA – MG
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ELÂNDRIA STEFANI SANTOS CARMO

**CLASSES MULTISSERIADAS NAS ESCOLAS MUNICIPAIS DE PORTO FIRME:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA À LUZ DOS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia, Departamento de Educação da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia. Orientadora: Prof.^a Dra. Bethânia Medeiros Geremias.

VIÇOSA – MG
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

ELÂNDRIA STEFANI SANTOS CARMO

Banca Avaliadora:

Professora: Prof.^a Dra. Bethânia Medeiros Geremias (orientadora)

Professora: Prof.^a Me. Élide Lopes Miranda

Professora: Prof.^a Dra. Fabiana Maria Roque Chaves

Aprovada em: 30 de novembro de 2017

VIÇOSA – MG

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela conquista deste sonho. A minha mãe e ao meu padrasto, que juntos me iniciaram na vida acadêmica.

Aos meus sogros que doaram tempo e carinho aos meus filhos, enquanto eu estudava e não podia estar presente.

Aos meus filhos, luz da minha vida, motivo para não desistir e prosseguir firme em busca do meu ideal. Aos mestres, em especial a minha orientadora Bethânia, pelo conhecimento compartilhado.

Aos meus irmãos, tios, cunhados e amigos, que indiretamente ajudaram e me incentivaram nesses quatro anos de luta.

E ao meu marido, por ter sido presente em cada dia desses quatro anos. Doando companheirismo, dedicação, compreensão, e vivenciando comigo as alegrias e frustrações desta trajetória, que não foi fácil finalizar.

Neste momento tão especial lembro-me com saudades de minha avó, Laura, que tanto se alegrou com meu ingresso na UFV. Sonhou um dia me ver professora, formada. Talvez na ânsia de transformar seu sonho em realidade, que era aprender a ler e escrever: sonho de toda uma vida.

RESUMO

As classes multisseriadas são uma realidade em todo o Brasil. No município de Porto Firme elas são maioria. Apesar de haver um grande número dessas escolas, a formação do professor não é suficiente para atender a esta demanda. Pensando neste aspecto, no presente trabalho relato as experiências vividas por uma graduanda em pedagogia, no período de estágio em salas multisseriadas, das escolas municipais localizadas no meio rural de Porto Firme - MG. Para aprofundar o debate, descrevo e reflito sobre minha própria vivência como estagiária e professora de reposição em duas escolas com Classes Multisseriadas à luz de algumas discussões teóricas sobre a temática. Como resultados desse processo, concluo que a formação dos professores para atuarem nessas escolas é insuficiente e impacta a prática docente de muitos professores que vivenciam diariamente com alunos de diferentes anos de aprendizagem.

Palavras Chave: Salas multisseriadas. Experiência. Formação Docente

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	Aprofundamento teórico sobre o tema	7
1.2	As escolas municipais de porto firme	11
2	METODOLOGIA	13
3	RELATO DE EXPERIÊNCIA	15
4	CONSIDERAÇÕES	22
	REFERÊNCIAS	23

1 INTRODUÇÃO

Ao longo de minha vida acadêmica atuei em escolas pertencentes à rede Municipal de Educação, da prefeitura de Porto Firme. A maioria das escolas em que regi aulas tinham salas com alunos de diferentes anos de escolaridade. Este tipo de organização das turmas é denominado de Classes multisseriadas. Essas comportam um número maior de séries ou de anos letivos e, nelas um único professor é responsável por ministrar aulas para todas as turmas, simultaneamente. Contudo, percebi que na graduação em Pedagogia, nós discentes, não somos preparados para trabalhar com esse tipo de escola, devido às suas especificidades. O processo de formação em pedagogia não aborda sobre a organização de classes multisseriadas.

Ao final do primeiro ano na graduação, ingressei no PIBID (Programa Institucional de bolsa de Iniciação à Docência), pois precisava de recurso financeiro para custear meus estudos. Para conseguir realizar as atividades do projeto eu precisava ficar em Viçosa durante a semana, o que me afastava do meu filho. Para conciliar estudos e família, no início do ano de 2015, fui à prefeitura me candidatar a uma vaga, para reposições de aula. Desta forma, ficava mais tempo em casa e, conseqüentemente, com meu filho. Só fui chamada no final do ano, e algumas vezes, totalizando seis dias trabalhados entre novembro e dezembro.

Desse modo, ao trabalhar com esse tipo de organização escolar e de ensino percebi que pouco sabia sobre classes multisseriadas, como surgiram, como funcionavam e se as escolas estavam em conformidade com a legislação.

No período de regência e estágio em sala de aula, encontrei dificuldades para colocar em prática os planos de aulas que me eram passados, pois a princípio não conseguia lidar com duas, três, quatro e, até cinco turmas em uma sala. Tal dificuldade e, ciente de que há possibilidade de eu voltar a lecionar em escolas com salas de aula multisseriadas, pois maior parte das escolas de ensino fundamental 1, funcionam no regime de multisséries. Uma vez que, as escolas encontram-se localizadas em comunidades, no campo, com poucos alunos, sendo assim, não é possível formar classes com alunos de um mesmo ano letivo.

Busquei no Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental escolher escolas da rede municipal que tivessem Classes Multisseriadas para melhor compreender as suas dinâmicas de funcionamento, incluindo o modo como as professoras ministravam e organizavam suas aulas. No estágio realizado ampliei meus conhecimentos sobre as práticas docentes com foco

nesse tipo de organização do ensino. A escola em que foi realizado o estágio citado situa-se no município de Porto Firme, onde resido. Uma maior descrição da mesma, de seus pressupostos e metodologias será realizada posteriormente.

Nesse relato, descrevo e reflito sobre o trabalho realizado como professora de reposição, e mais tarde como estagiária em uma Escola com Classes Multisseriadas. O objetivo central deste trabalho é refletir sobre as vivências que foram adquiridas em salas de aula com séries múltiplas à luz dos estudos sobre a temática. Especificamente busquei: i) relatar as experiências adquiridas em salas multisseriadas como estudante em Formação Inicial de professores; ii) compreender como funciona a dinâmica das escolas multisseriadas no município de Porto Firme; iii) refletir sobre as minhas ações com vistas apreender os desafios de trabalhar em classes multisseriadas.

Para alcançar os objetivos propostos realizei pesquisa bibliográfica e documental para embasar meus relatos de experiência e para obter suporte teórico-metodológico para compreender o funcionamento das Classes Multisseriadas, com foco nas escolas municipais de Porto Firme.

A retomada de minhas experiências, de modo descritivo e retrospectivo, os documentos que orientam as dinâmicas das aulas com múltiplas séries e os estudos sobre o tema, foram fundamentais para um maior aprofundamento dos limites e possibilidades das práticas docentes desenvolvidas nas escolas com classes multisseriadas.

A revisão de literatura propicia suporte às análises das atividades que desenvolvi durante o estágio e à pesquisa documental. Por essa razão, apresento em seguida alguns estudos que tomam as classes multisseriadas como objeto específico de discussão.

1.1 Aprofundamento teórico sobre o tema

A educação no Brasil iniciou-se com os Jesuítas após a chegada dos portugueses, com a missão de alfabetizar e catequisar os índios. Eles pertenciam à Companhia de Jesus, “uma ordem religiosa da Igreja Católica, fundada na Europa em 1540 por Inácio de Loyola. Era formada por padres designados de jesuítas, que tinham como missão catequisar e evangelizar as pessoas, pregando o nome de Jesus” (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p.173). Ainda segundo os autores, os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil em 1549, com o Governador-Geral Tomé de Sousa, e vieram com a missão de catequisar e converter os índios, que aqui se

encontravam. Porém, o método utilizado pelos jesuítas era ríspido, e fazia com que os índios aos poucos se rebelassem e abandonasse os ensinamentos, voltando para suas tribos.

Após a expulsão dos Jesuítas, pelo Marquês de Pombal, iniciou-se a Era Pombalina, o Brasil tinha como Ministro o Marquês que realizou algumas mudanças na educação brasileira, denominadas de Reforma. Estas foram criadas por Marquês de Pombal, enquanto Ministro e, objetivavam “transformar e adaptar a sociedade portuguesa aos movimentos sociais, econômicos e políticos que estavam ocorrendo na Europa do século XVIII” (TEIXEIRA SOARES, 1961 apud SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 184) e possuíam “como característica marcante a total destruição e substituição das antigas propostas pelas novas” (SHIGUNOV NETO; MACIEL, 2008, p. 184), ou seja, Marquês de Pombal não queria deixar rastros da educação jesuítica.

Segundo Faria Filho (2003), as escolas tinham apenas um docente, chamados por ele de mestre-escola. A partir daí foram introduzidos alguns métodos, dentre eles o método individual, em que um professor, mesmo com um número maior de alunos, chamava um de cada vez em sua mesa para ensinar a lição. Porém, os alunos ficavam ociosos em grande período de tempo. Para que eles aproveitassem o tempo na escola, foi criado o método simultâneo, pois se acreditava que um único professor poderia ministrar aulas para um número maior de estudantes ao mesmo tempo. No entanto, tal método exigia muito dos professores que passaram a designar um aluno mais instruído, que auxiliava os demais, que estavam aquém deles, desta forma, era possível que um único docente ensinasse para vários anos diferentes de ensino, tornando assim um método que ficou conhecido como mútuo.

Após esse período, se iniciou o ensino com classes multisseriadas, que são salas de aula que comportam um número maior de séries ou de anos letivos. Nelas, um único professor, chamado também de unidocente, é responsável por ministrar aulas para todas as turmas, simultaneamente.

O termo é melhor explicado por Janata e Anhaia (2015, p. 02)

As escolas/classes multisseriadas são uma forma de organização escolar em que alunos de diferentes idades e tempo ou níveis de escolarização (o que conhecemos por série) ocupam uma mesma sala de aula, sob a responsabilidade de um mesmo professor.

Com a instauração da República, esse modelo de escola diminuiu consideravelmente na Zona Urbana. As escolas se transformaram em Grupos escolares, tornando o ensino dividido por séries de ensino. No entanto, no campo, as escolas continuaram com várias séries de ensino e um único professor (JANATA; ANHAIA, 2015).

Atualmente, a maioria das classes multisseriadas está localizada no meio rural, como aponta o Censo Escolar da Educação Básica de 2016. O censo é realizado todos os anos e, tem como função fazer levantamentos de como estão as escolas de Educação Básica brasileira, a fim de criar programas de melhorias para a educação. De acordo com este documento, 116,3 mil escolas no Brasil, oferecem o primeiro ciclo do ensino fundamental e desses, 19,9 mil possuem apenas um docente. 95,1% das escolas com um único professor estão localizadas na Zona Rural.

Em Porto Firme, todas as escolas que possuem classes multisseriadas estão em localidades rurais. Vale ressaltar que, “esse modelo de ensino é destinado às comunidades com pequeno número de habitantes, que constituem uma clientela reduzida, não dispendo de número suficiente de estudantes para formarem classes independentes” (TERUYA et al, 2013, p. 572).

Um dos autores que vem discutindo mais enfaticamente as questões relativas às classes multisseriadas, na atualidade, é Salomão Hage, que escreveu diversos trabalhos voltados para a Educação no Campo e classes multisseriadas. O autor analisa as escolas da Amazônia, tendo como foco principal em suas pesquisas as escolas ribeirinhas. Uma vez que, ele é coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação do Campo na Amazônia (GEPERUAZ).

Seus trabalhos são pautados na abordagem construtivista e em literaturas Freireanas, com ênfase na autonomia, tanto do professor quanto do aluno. Na pedagogia construtivista, os atores que permeiam a sala de aula devem ter autonomia, para que o aprendizado seja significativo. A respeito disso Gerone Junior e Hage (2013, p. 13) dizem que:

Um professor autônomo, desde o processo formativo até a execução da sua prática pedagógica, terá melhores condições de compreender e agir de maneira relevante e significativa sobre a diversidade cultural que o envolve, procurando, assim, refletir sobre os aspectos intelectuais e sociais que permeiam o seu saber-fazer pedagógico.

Neste sentido, o professor saberá trabalhar de forma que contemple o currículo, que haja maior participação dos alunos e em busca de uma educação libertadora. O professor que não trabalhar de tal maneira, não conseguirá ter empatia ao lócus em que a escola está inserida, tão pouco aos alunos que a frequenta, pois seu ensino será autoritário e vertical. (GERONE JUNIOR; HAGE, 2013).

Para que o ensino seja democrático, o professor deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, com o intuito de ampliar os conhecimentos trazidos. Porém, só conseguirá realizar tal trabalho o docente que tiver humildade para aprender com seu educando (FREIRE, 1996).

Para Hage (2008) um dos motivos prejudica a prática docente em escolas multisséries é a falta de preparo do professor, aliado à sua perda de autonomia, isto acontece porque muitas vezes o professor que está atuando na escola não pertence à comunidade do campo e não está preparado para lidar com salas multietapas, esperando apenas uma oportunidade para deixar as atividades no Campo. Na cidade de Porto Firme é notória esta ação, uma vez que os professores mais velhos “da casa” escolhem as turmas primeiro, sobrando para os novatos àquelas com mais séries e longe da Zona Urbana.

Concordo com Santos (2015, p.72) ao dizer que, “quando tratamos do sistema de ensino multisseriado, não estamos tratando de uma realidade isolada do nosso município, já que ainda é de fato uma situação ampla que percorre o país a fora”, pois ao analisar os textos que tratam do assunto e, até mesmo o Censo Escolar, nota-se um número elevado de escolas multisséries no Brasil.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394/94 em seu Art. 11, inciso V, diz que os municípios devem:

Oferecer a educação infantil em creches e pré-escolas, e, com prioridade, o ensino fundamental, permitida a atuação em outros níveis de ensino somente quando estiverem atendidas plenamente as necessidades de sua área de competência e com recursos acima dos percentuais mínimos vinculados pela Constituição Federal à manutenção e desenvolvimento do ensino (BRASIL, 2014)

Ou seja, é função do município oferecer a educação nos primeiros anos da educação básica, oferecendo inclusive o transporte para que os alunos consigam chegar às escolas, assegurado no inciso VI do mesmo artigo. Porém, de acordo com esta lei, no Art. 24, inciso IV “poderão organizar-se classes, ou turmas, com alunos de séries distintas, com níveis

equivalentes de adiantamento na matéria, para o ensino de línguas estrangeiras, artes, ou outros componentes curriculares” (BRASIL, 2014), apenas para estes casos, não para funcionamento como escolas regulares.

Em contrapartida, as classes Multisseriadas são tratadas na Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 449/2002, no Art. 33 diz que,

Para os efeitos desta resolução, escola rural é a instituição que se localiza em região geográfica definida como zona rural. Parágrafo único – O poder público poderá adotar a nucleação do atendimento escolar, ou a instalação de turmas vinculadas para os 4 (quatro) anos iniciais do ensino fundamental, sempre que essa medida for adequada à sua realidade sócio geográfica. (MINAS GERAIS, 2002)

De acordo com a resolução o município pode optar por fazer escolas multisséries, caso seja conveniente para ele, porém deve seguir os incisos dispostos no artigo 34 do mesmo documento.

1.2 As escolas municipais de Porto Firme

A rede de ensino de Porto Firme, campo de experiência, conta com escolas localizadas na Zona Rural, ensino fundamental primeiro ciclo. E a escola de Educação Infantil, localizada na cidade, sendo a escola sede da Secretaria de Educação, além da direção, secretaria e coordenação das escolas rurais. Um ponto, preocupante é a questão do Projeto Político Pedagógico (PPP), que deveria ser um por escola, no entanto elas têm um único PPP para todas as escolas. Segundo Vasconcellos (2007) o PPP, é um documento que mostra a realidade do local em que está inserida a escola. Logo deve ser planejado com o objetivo de contemplar a situação dos alunos e a comunidade escolar, sendo assim, deveria haver um por escola, uma vez que cada comunidade tem sua peculiaridade, não sendo todas iguais.

As escolas pertencentes a rede municipal de educação de Porto Firme tem boa estrutura física, e “recebem merenda escolar, material didático-pedagógico, uniforme, material escolar para os alunos” (PPP, 2014, p.6), todos custeados pela prefeitura. Estas passaram por reforma no início deste ano (2017). Cito como exemplos: a Escola Municipal São Judas Tadeu, em Barbosa, minha comunidade e, a Escola Municipal Santo Antônio, na qual realizei o estágio relatado nesse documento.

Esta realidade parece diferir daquela em que se situam as escolas citadas por Hage em seus textos. Segundo Hage (2006, p.3) nas escolas do Pará as realidades são insatisfatórias.

Ele destaca “a precariedade da estrutura física; as dificuldades de transporte e as longas distâncias percorridas por professores e estudantes para chegar à escola, a oferta irregular da merenda”. Segundo o autor, esses são os principais motivos da evasão escolar dos alunos no meio rural, daquela região. Os ônibus pertencentes à prefeitura, ou mesmo os terceirizados, que transportam os alunos e professores, para as escolas do meio rural, são de boa qualidade e novos. O transporte é realizado todos os dias, faltando apenas em longos períodos de chuva. Além de levar os alunos das escolas do município, eles transportam também os alunos que estudam na cidade cursando do 6º ano do fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Em todas as escolas observadas uma estrutura básica condizente com a Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 449/2002, Art. 34, parágrafo único. Elas possuem uma sala, ou duas salas de aula, cantina/refeitório, dois banheiros (masculino e feminino) sendo que os dejetos dos mesmos são dispensados em fossa, a água utilizada nas escolas é de cisternas e levada até a caixa por uma bomba elétrica, as escolas também contam com uma horta rica em variedades de verduras e legumes como, couve, alface, repolho, berinjela, chuchu e folhas de chá. O que chama a atenção na horta é que não há um projeto para o manuseio dos alunos na mesma. Ela é pensada e organizada, todo o tempo, pelas cantineiras da escola. As cantineiras que plantam, capinam, regam e mantem a horta. Os alunos só aproveitam dos benefícios que elas produzem.

Para contemplar a Resolução do Conselho Estadual de Educação nº 449/2002, Art. 34 traz no inciso I – matrícula máxima de 20 (vinte) alunos por turma, algumas escolas no ano de 2017 passaram a funcionar em dois turnos, pois o número de alunos foi maior que o comportado pela escola, e por ter apenas uma sala de aula, foi necessário dividir por turnos, uma das escolas que passou por tal mudança, foi E. M. Santo Antônio, local do estágio. Informação obtida na Secretaria de Educação e também observada no campo de estágio.

Ao final da primeira etapa do ensino fundamental, ao finalizar o 5º ano, os alunos são transferidos para a Escola Estadual Imaculada Conceição que está localizada no centro da cidade de Porto Firme, para cursarem o ensino fundamental etapa dois e o ensino médio. A escola funciona com o modelo de seriação e recebe alunos das escolas rurais e da Escola Estadual Solon Ildefonso, esta última oferece aulas do 1º ao 5º, para os alunos da zona urbana, e também funciona com o sistema de seriação. Esta nucleação na escola da zona urbana se faz possível com o oferecimento de transporte público pela prefeitura.

A escolha das escolas pelos professores acontece no início do ano, sendo que os professores com mais tempo de serviço escolhem primeiro. Esses geralmente escolhem as escolas mais próximas da cidade, ou que tem um número reduzido de turmas. Logo, os professores que estão iniciando pegam as escolas mais longe e com um número maior de classes.

O acesso a esses dados me faz refletir sobre a ausência de estudo sobre classes multisseriadas no curso de Pedagogia. Pois, se de um lado há um número grande de escolas em que o docente tem que trabalhar com mais de uma turma, na graduação parece haver pouca discussão sobre essa realidade. Eu, por exemplo, quase não estudei sobre o tema no curso. E, dentre todas as disciplinas lecionadas, apenas uma abordou o assunto, mas de modo superficial, por meio de um único texto intitulado *A organização do trabalho escolar*. O Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia (PPC), da UFV, aborda a educação no campo em uma disciplina optativa intitulada de EDU 324 – Educação do Campo, porém nunca oferecida aos discentes do que ingressaram no ano de 2014. Ainda segundo o PPC, o tema será tratado transversalmente na disciplina EDU 192 – Educação para a sustentabilidade.

2 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos propostos nesse relato realizei análise documental para melhor entender o funcionamento das Classes Multisseriadas na rede municipal de Porto Firme. De acordo com Neves (1996, p.3) a pesquisa documental “é constituída pelo exame de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que podem ser reexaminados com vistas a uma interpretação nova ou complementar”.

Dentre os documentos, escolhi o Projeto Político Pedagógico e o Regimento Escolar das escolas da rede municipal de educação de Porto Firme, enfatizando o trabalho realizado na Escola Municipal Padre Arlindo Vieira, pertencente a localidade da Mata da Fruteira, local que repuz¹ aula por quinze dias, devido a licença saúde da professora regente. Também desenvolvi atividade docente, na forma de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental na Escola Municipal Santo Antonio, localizada na comunidade da Matinha.

¹ Período em que eu ministrava as aulas no lugar da professora da turma.

Para ampliar a visão das escolas multisseriadas perante a lei, analisei leis e resoluções voltadas para a Educação. Assim como sites do Ministério da Educação. Para compreender a situação destas escolas, busquei do Censo escolar que mostra os números educacionais brasileiros.

Em paralelo, fiz uma breve exploração da literatura sobre a temática para melhor entender como a teoria pode iluminar a prática docente e como os professores de escolas com multiclases realizam seus trabalhos, tendo como base textos que tratam do assunto.

A experiência com classes multisseriadas se efetivou em duas escolas distintas:

A primeira escola pertencia à comunidade da Mata da Fruteira, Zona Rural de Porto Firme, local onde ministrei aulas por um maior período de tempo, foram quinze (15) dias. A escola tinha sete (7) alunos do 1º ao 5º ano do fundamental. Mesmo com poucos alunos eles eram dispostos na sala por fileiras, sendo que cada fila correspondia a um ano letivo. A escola, assim como a maioria das que passei, tinha uma sala de aula, cantina com refeitório, dois banheiros (masculino e feminino), área de terra nivelada em seu entorno e a horta.

A segunda escola localizada na Matinha, Zona Rural de Porto Firme, foi o local em que realizei meu estágio em Ensino Fundamental I, no qual tínhamos a opção de escolher a escola para a realização do mesmo. Logo optei por uma escola da rede municipal, de Porto Firme, por ter nela multisséries.

A professora com quem realizei o estágio, por ventura, era a mesma que eu substituí durante a reposição. A escola tem a mesma estrutura da escola da comunidade da Mata, destoadado apenas do cuidado com a horta e arredores da escola. A escola da Matinha era mais bonita visualmente. Ela foi dividida em dois turnos, de acordo com os Ciclos de ensino. Pois, os primeiros anos do fundamental na rede municipal de ensino, de Porto Firme, “estrutura-se em cinco anos iniciais, organizados em ciclos de ensino: Ciclo de Alfabetização, com duração de três anos de escolaridade (1º, 2º e 3º Anos) e o Ciclo Complementar, com a duração de dois anos de escolaridade (4º e 5º Anos)” sendo que, o Ciclo 1 funciona no turno vespertino e o Ciclo 2 no matutino. Acompanhei os alunos do Ciclo 2, observando e auxiliando a professora durante 15 dias

Neste relato, irei priorizar a primeira escola, na qual pude vivenciar a prática de modo mais qualitativo.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Neste relato, descreverei as atividades realizadas, buscando fazer uma análise sobre o processo que auxilie numa maior compreensão e reelaboração teórica da experiência vivida nesse contexto de atuação profissional, mesmo que breve, em classe multisseriadas.

Quando entrei na graduação sabia que após finalizar o segundo período, eu poderia ocupar um cargo como professora, mas lecionando com título precário. A Secretaria de Educação da cidade, não possui professor eventual em seu quadro de professores, então ela contrata temporariamente estudantes a partir do terceiro período do curso de Licenciatura em Pedagogia, para ministrar aulas.

Logo, no início de 2015 fui até a prefeitura da minha cidade em busca de uma vaga para professora de reposição, ou seja, quando algum professor precisava se ausentar por motivos pessoais ou de saúde, eu ocupava o lugar dos mesmos no período em que estavam afastados. Era uma oportunidade além da sala de aula, sem falar que ajudaria a custear meus estudos. Pois, eu já recebia uma bolsa de R\$ 400,00 do PIBID - Pedagogia na modalidade Educação Especial.

No mês de novembro, do mesmo ano, fui convocada a trabalhar em uma escola. A professora precisava se ausentar de suas funções e a prefeitura não tinha um professor para substituí-la. Como minha única experiência em sala de aula foi acompanhando um aluno durante o PIBID, a Secretária de Educação de Porto Firme pediu para que a professora me explicasse exatamente o que fazer em sala. Assim, ela me passou o plano de aula, com textos e atividades que seriam ministradas no dia seguinte. Segundo ela o segredo era não deixar os alunos sem atividade, para não haver alvoroço na sala.

Meu primeiro dia foi relativamente fácil, pois não tinha muito que fazer. Era uma sexta-feira, dia de *hora cívica*, que consistia em cantar o Hino Nacional e o Hino Municipal. Estas atividades ocuparam a maior parte da aula. Após a hora cívica, contei a história, que não me recordo do título, porém estava no plano de aulas da professora, era um livro interessante que além de muito bem ilustrado tinha botões que contava a história, com uma música de fundo. O objetivo era que os alunos a recontassem oralmente e depois por escrito, no caderno. Todos os textos foram corrigidos um a um, à medida que eles iam terminando. Quando terminaram de fazer a produção de texto já estava na hora da Educação Física.

No ano de 2015, trabalhei seis dias, entre novembro e dezembro. Apesar de estar em uma sala com séries múltiplas não via dificuldades, porque as professoras passavam os planos de aulas aparentemente fáceis, para que eu conseguisse trabalhar. Pois, sempre tinha aula de Arte, Educação Física ou Ensino Religioso, que eram aulas ministradas a todas as turmas ao mesmo tempo. No meu entendimento e, tomando distância sobre essa questão, parecia até que era para passar o tempo.

Apesar de a primeira professora ter sentado comigo e explicado como era para proceder, as demais apenas entregavam os planos, ou mandavam alguém fazê-lo. Mesmo hoje, quase formando, às vezes não vejo muita diferença. Acredito que um professor, quando é convocado para compor o quadro de professores, mesmo que por um curto período de tempo, deva participar de reuniões e ser mais bem informado dos projetos e atividades desenvolvidas. Desta forma, o trabalho seria mais bem aproveitado.

Lembro-me que em um dia de reposição, em setembro de 2016, fui repor aula em uma escola, em que a professora me passou um plano, e ao chegar lá, ela havia mandado outro com a cantineira. Nesse plano, eu teria que fazer com os alunos as experiências que eles apresentariam na feira cultural, no entanto ela não mandou o material e eu não sabia, ao certo, a finalidade de cada experiência. Os alunos que me explicaram o que era cada experiência, e até auxiliaram para conseguir todos os materiais, demorou muito tempo, ficando quase todo o período da aula.

Compartilho a fala de Hage (2014, p. 10) ao dizer que os professores que estão em sala de aula multisseriadas, “se sentem ansiosos, inseguros e demonstram insatisfação, preocupação, sofrimento e, em determinados casos, até desespero ao pretenderem realizar o trabalho da melhor forma possível e ao mesmo tempo, se sentindo perdidos”. Era exatamente como me sentia, uma vez que eu não tinha certeza se estava procedendo da melhor forma possível, e a consequência era afetar o aprendizado dos alunos.

No início de 2016, voltei novamente à prefeitura para pedir uma oportunidade de trabalhar, porém, devido ao PIBID, ficava difícil pegar as aulas. Por isso, em maio de 2016 deixei o Programa de Iniciação à Docência e me dediquei aos estudos e às reposições. Contudo, as coisas mudaram. A minha primeira reposição do ano foi em uma escola localizada na Mata da Fruteira, eram sete (07) alunos do 1º ao 5º ano. Esta experiência me

marcou mais, pois foi o momento que senti falta de embasamento teórico para conseguir realizar as atividades.

Minha primeira reunião com a professora a quem eu iria substituir foi numa quarta-feira. Esta me passou o caderno de planos e me explicou como eram os alunos. Nesse momento, ela me pediu para eu seguir a mesma rotina dela, que consistia principalmente em, ao chegar, colocar os alunos para lerem uma história para que eles não ficassem correndo pela escola.

Comecei a trabalhar na quinta-feira. Nos dois primeiros dias de aula compareceram à escola apenas dois alunos, pois estava chovendo e, os que dependiam de transporte escolar não puderam ir porque o mesmo não os levou. Eu mesma tive que ir a pé dois dias, pois o ônibus que transportava os alunos foi apenas até onde havia asfalto. Esse problema é abordado no PPP da escola.

Os alunos que compareceram eram dois irmãos um do 4º e o mais novo do 1º ano. Foram dias tranquilos, pois, consegui dar atenção aos dois alunos e tirar as dúvidas deles, mesmo porque eram dois alunos de duas séries, apenas. Prossegui com os planos de aula da professora, os que estavam no caderno.

Como os planos eram realizados no final de semana, e eu só tinha os de quinta e sexta, no sábado entrei em contato com o grupo que elaborava planos com a professora que eu estava substituindo. No entanto, eles me disseram que não iriam se encontrar naquele final de semana, pois um professor estava de licença e a outra tinha compromisso. Os planos são elaborados no final de semana, sábado, para a semana seguinte, por um grupo de professores, que é determinado no início do ano letivo.

O único plano de aula que havia feito era voltado para educação especial, no PIBID, porém antes de colocá-lo em prática a orientadora o revisava. Naquele momento senti falta de saber fazer um plano de aula que contemplasse todos os alunos, para que nenhum ficasse prejudicado. Além do mais, teria que fazer um plano que contemplasse alunos do 2º e 4º anos que faltaram, para eles não ficarem atrasados. Vivenciando essas questões eu percebi a falta de uma disciplina que abordasse mais o trabalho com classes multisseriadas, e como elas funcionavam se fez mais presente, pois eu não sabia se estava fazendo da forma correta, sentindo que minha postura estava aquém dos demais professores.

Mesmo com este sentimento de que não me sentir preparada para esse trabalho, eu elaborei um plano tomando como referência os planos que a professora havia realizado em seu caderno e, tentei utilizar os métodos ensinados no PIBID Educação Especial. Para minha formação o PIBID foi de grande importância, não apenas pela bolsa, que muito ajuda, mas também pela vivência. Ter contato com a sala de aula, e o mais importante sob supervisão de um coordenador. Tal participação me fez crescer academicamente, pois vivenciei na prática os ensinamentos teóricos, principalmente na área da Educação Especial, porque acompanhei um aluno deficiente visual. Minha experiência no PIBID mostrou-me a dificuldade do docente em lidar com uma turma tendo que dividir a atenção, uma vez que o aluno deficiente visual estava aquém dos demais. Apesar de estar no 3º ano, ele não sabia contar ou ler, e devido à falta de visão e carência econômica, não tinha capital cultural² suficiente para interagir nas aulas.

Na semana seguinte a supervisora, da secretária de Educação de Porto Firme, e conseqüentemente das escolas rurais, foi à escola. Nesse momento, conversamos sobre o meu plano e ela me deu algumas orientações para melhorá-lo. Com sua aprovação eu fiquei mais tranquila.

Contudo, nos primeiros dias eu não conseguia dar atenção a todos os alunos, mesmo sendo apenas 7 alunos na sala. Analisei que a aluna do 1º ano foi a que menos recebeu a minha atenção, uma vez que ela era muito esperta e fazia todas as atividades sozinha. Eu me preocupava mais com os alunos do 2º, 3º e 4º anos, pois eram os que tinham maior dificuldade. No 5º ano havia apenas uma aluna, que também não tinha dificuldades, logo quando ela terminava as atividades, eu pedia a ela que auxiliasse os alunos do 4º ano. Conforme destaca Rodrigues (2009, p. 67), que nas turmas multisseriadas há prevalência da necessidade de um método mútuo no qual “os professores contam com o auxílio dos alunos em um sistema de monitoria, que contribui na administração do tempo, potencializando o trabalho do professor”.

Os alunos tinham dificuldades em matemática, logo, optei por utilizar uma metodologia diferente com os alunos no início da aula. Ao chegar na escola, às 6:00hs da

² Noção cunhada por Pierre Bourdieu para “para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o “sucesso escolar”, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe”.

manhã, com alguns alunos, os que vinham no ônibus, deixava que eles brincassem com os jogos que tinham na escola. Também levei dominó da multiplicação e fazia bingos de multiplicação e divisão. Acredito que os alunos aprendam melhor brincando e podendo escolher o que eles queriam fazer no tempo livre, pois eram induzidos a chegar e ler. A autonomia dada a eles fez com que se interessassem mais pelas aulas. Outra mudança que eles pediram, e eu aceitei, foi a modificação da sala, ao invés de fileiras, era para fazer um semicírculo. Alguns professores, dos quais substituí, utilizam esse modelo de distribuição das carteiras. Porém, sempre deixei claro para os alunos que, as modificações durante minhas aulas seria somente enquanto estivesse regendo aulas, na volta da professora eles voltariam para seus lugares, retomando a rotina proposta por ela.

Mesmo sem saber se era válida tal ação, eu continuei fazendo desse modo, pois na escola da Mata funcionou. Com o passar do ano e trabalhando em outras escolas, fui conhecendo outros métodos, que os professores pediam para eu fazer com os alunos.

A segunda experiência que vivenciei se deu na disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino Fundamental, na Escola Municipal “Santo Antônio”. Optei por realizar meu estágio na escola, por trabalhar na rede municipal de ensino da Prefeitura Municipal de Porto Firme, esporadicamente como substituta, encontrei muita dificuldade em lidar com as turmas, acreditava que vendo uma professora atuando, iria conseguir melhorar meu desempenho em sala.

O estágio foi realizado no período matutino, na turma do 4º e 5º ano. E a escola tem passado por um momento de grande defasagem educacional dos alunos, tanto que dois dos alunos do quarto ano não sabiam ler, escrever números maiores de 15 (representar o código), não escreviam com letras cursivas até o início do ano segundo a professora, esses dois alunos até o início do ano letivo não escreviam com letra cursiva. Na ocasião do estágio, ela mostrou o caderno de caligrafia, que ela começou a trabalhar com eles no início do ano.

Ainda em conversa informal com a professora, ela relatou que no início do ano ela estava passando a matéria, e os alunos resolviam as atividades, aparentemente, sem dificuldades. No entanto, na primeira avaliação, a maioria tirou nota ruim na matéria que ela havia explicado. Nesse momento ela passou a observar melhor a turma, e descobriu que um fazia a atividade e os outros copiavam.

As aulas começam, todos os dias, com a oração, ato comum em todas as escolas que passei, após a oração comandada pela professora, os alunos cantavam músicas. Por ser uma época de festejos juninos as músicas quase sempre eram voltadas para o tema. Os alunos aparentavam não gostar de cantar, porém a professora insistia, e eles o faziam. Após este momento de oração e músicas, começou o momento de leitura. Esse momento é uma prática utilizada pela professora, tanto que nas reposições do ano passado (2016), na escola do Inhambú, já citada, ela utilizava os primeiros momentos da aula para leitura e resolução de operações.

Cada aluno escolhia um livro, que fica em uma caixa, pois a escola não tem biblioteca, e é trocado a cada semestre pela supervisora, das escolas municipais, responsável por orientar as professoras da Zona Rural, e faz a leitura silenciosa por mais ou menos 20 minutos. Passado esse tempo a professora começa pedir que cada aluno leia em voz alta, um trecho do livro. Vale ressaltar que são livros atrativos, com histórias envolventes e ilustradas.

Quando o aluno era interrompido pela professora ele resolvia uma operação no quadro negro, de acordo com a dificuldade do mesmo, 4º ano (adição e subtração) e o 5º ano (multiplicação e divisão), a operação era passada previamente pela professora. O que para alguns alunos é uma tortura, porque, muitos, não conseguem resolver as operações e ficam aflitos por serem chamados a atenção na frente de todos.

Notei que os alunos tinham muita dificuldade na resolução de operações e tirar prova das mesmas. A tabuada, ainda era um tabu para eles, tanto que quando antes de sair para o lanche é cobrado de cada um, e quem não acerta tem que lanchar e voltar à sala de aula. Pensando neste ponto, comecei a pegar alguns jogos ao final da aula, para estimular os alunos a estudar a tabuada, porém a escola contava com poucos jogos para estas operações.

Outra dificuldade observada por mim foi o fato de os alunos terem dificuldades em interpretação textual, mesmo os textos aparentemente simples. No segundo dia de observação a professora passou o poema Junino para que os todos os alunos copiassem. Em seguida, colocou questões para que eles respondessem. Dentre as atividades, uma pedia para que eles voltassem ao texto unissem as palavras que rimavam. Apenas duas alunas conseguiram realizar a atividade, os demais contaram com auxílio para a realização. Até a questão 7 todos copiaram a mesma coisa, da 8ª à 11ª era específica por série. Como por exemplo, enquanto a

do 4º pedia palavras monossílabas, dissílabas, trissílabas e polissílabas, o 5º ano procurava no poema palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas.

As disciplinas de Ciências, Geografia e História seguiam o livro didático. Geralmente era trabalhado um capítulo por aula. Eles são pequenos, e contam com um texto informativo e questões sobre o tema. O que me chamou a atenção é que o livro geralmente trata de questões voltadas para o meio rural. Quando existiam questões de resposta pessoal, a professora perguntava se a família, ou a comunidade do aluno presencia tal situação abordada. Conforme o PPP os livros didáticos são fornecidos pelo Ministério da Educação. “No ano de 2014 foi escolhida a Coleção Girassol: Saberes Fazeres do Campo” (PPP, 2014, p. 6). O mais interessante desses livros é que eles trazem a realidade dos alunos. Sendo que a maioria das atividades tem vínculo com a área em que a escola está localizada.

Às sextas-feiras, a rotina inicial muda. Todos cantavam o Hino Nacional em posição, Hora Cívica, e o momento de leitura é substituído por contagem de histórias ou estórias. Neste momento eles contam histórias que leram em livros ou escutaram alguém ler. Aqueles que tinham um contador de causos na família (estórias) contavam o que aprenderam com os mais velhos. Particularmente, achei esse momento muito interessante, pois resgatou as histórias e estórias do lugar e, que são passadas de geração em geração.

Tendo em vista a dificuldade dos alunos dos anos anteriores, a professora optou por parar a matéria e revisar operação de subtração com reagrupamento, na segunda semana do estágio. Ela explicou aos alunos como fazer o reagrupamento no quadro posicional e passou várias operações para eles, eu auxiliei os dois alunos que estavam com mais dificuldade. Para atender as dificuldades desses dois alunos, do 4º ano, a professora pediu para que eu trabalhasse com eles o quadro posicional, subtração com reagrupamento. Para não dispersar os demais alunos fiquei com eles na cantina.

Iniciei trabalhando com eles igual ela fez em sala, utilizando o Q.V.L. (quadro valor de lugar). Um deles entendeu e conseguiu realizar as atividades, porém o outro continuou sem entender, para facilitar a visualização do aluno peguei o material Dourado (representar unidade, dezena, centena e unidade de milhar), e fiz algumas operações utilizando o material. Para os alunos foi ótimo, pois eles conseguiram entender como eram formados os agrupamentos e por que. Sempre que possível, relacionava as operações com o que eles estão

acostumados, a saber, dúzia de ovos, cento de laranja, operações com frutas e animais da região.

Essas foram atividades realizadas durante o estágio. Elas se concentraram basicamente no auxílio à professora. Nesse processo eu pude desenvolver de modo mais próximo a minha prática docente. No próximo item, apresento algumas considerações sobre essa experiência, realizada em classe multisseriada.

4 CONSIDERAÇÕES

De acordo com as literaturas apreciadas chego à conclusão de as escolas que oferecem a primeira etapa do Ensino Fundamental, pertencentes à rede municipal de educação de Porto Firme, estão de acordo com a lei que rege a educação rural de Minas Gerais. Tanto em sua estrutura, quanto ao número de alunos por sala.

Elas são bem organizadas e recebem material didático, desde os mais básicos como caderno, lápis e borracha, até materiais para o desenvolvimento de atividades como, livros didáticos, livros para aperfeiçoamento dos professores e jogos pedagógicos. Além da merenda escolar, que tem acompanhamento nutricional, este conjunto de ações oferece conforto aos educandos que delas desfrutam. Diferindo das escolas citadas por Hage (2014), que são escolas carentes, tanto de material didático, quanto de alimentação e transporte.

A prática docente das escolas reflete a realidade de muitos professores. A formação, assim como a minha, não abrange a diversidade que os docentes irão encontrar, dentre elas as salas multisseriadas. Muitos, só terão acesso a elas após a formação inicial, pois até mesmo os estágios são realizados em salas comuns.

Ao entrarem no quadro de professores, as novatas pegam turmas com um número maior de séries, fazendo com que sintam despreparadas para atuar. Devido à formação precária que os professores recebem, eles não estão preparados para trabalhar com as escolas, principalmente os que estão iniciando. Por não terem conhecimento necessário, elas ficam à mercê dos professores mais velhos, que utilizam métodos tradicionais. Sentimento este que eu nutria ao trabalhar nas salas, pois o que sempre era passado para mim era que um professor com várias turmas deveria ser autoritário, porque senão perderia o controle da turma.

Tendo em vista as dificuldades no primeiro relato, e as observações do estágio, chego à conclusão da importância de disciplinas, mesmo que optativas no curso de Pedagogia, pois

essas classes não são uma realidade distante. E nós, futuros professores devemos estar preparados para ministrar aulas em tais salas. Pois, o preparo falho, que recebemos, pode prejudicar o trabalho em sala, e conseqüentemente o aprendizado dos alunos.

Nós professores, e futuros professores devemos sempre ter a humildade para aprender com nossos alunos, o que não é visto em muitas escolas. Uma vez que, um professor, mesmo não estando preparado para trabalhar em salas multisseriadas, se conseguir colocar em prática os ensinamentos de Freire (1996), já estará no caminho certo, porque, para ele os professores têm que levar em consideração o local em que o aluno se encontra e seu conhecimento prévio. Cito Freire por ser o teórico que embasa grande parte do trabalho de Hage abordados nesse relato.

Sempre que entrava em sala, buscava ser amistosa com os alunos, e após a realização deste trabalho tenho convicção de que é a melhor forma de trabalhar com as turmas, dando autonomia para que o aprendizado seja significativo para os alunos. Com a conclusão desse relato considero que eu estava no caminho certo.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **Os três estados do capital cultural**. In: Actes de la recherche en sciences sociales, Paris, n. 30, novembro de 1979, p. 3-6. Trad. Magali Castro. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=230024> Acesso em: 08/12/2017.

BRASIL. LEI nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e bases da Educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 1996.

PORTO FIRME. EMEI SOSSEGO DA MAMÃE. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Porto Firme, MG, 2014. p.30.

FARIA FILHO. L. M. **História da Educação: História das Instituições escolares**. In: MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Veredas** – formação superior de professores. módulo 3, vol.2, p.114-142. Belo Horizonte: SEE-MG, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERONE Junior, A; HAGE, S. A. M. **Ação Pedagógica de Professores em Escolas Ribeirinhas da Amazonia**. Revista Teias (UERJ. Online), v. 14, p. 17, 2013. Acesso em: 5 nov 2017

HAGE, S. A. M. **A realidade das escolas multisseriadas frente as conquistas na legislação educacional**. In: 29ª Reunião Anual da ANPEd, 2006, Caxambu. Educação,

Cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos, 2006. Disponível em: < <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/posteres/GT13-2031--Int.pdf> > Acesso em: 05 nov 2017

HAGE, S. A. M. **Escolas rurais multisseriadas: desafios quanto a afirmação da escola pública do campo de qualidade.** Didática e Prática de Ensino na relação com a sociedade. Endipe, 2014. Disponível em: <http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro3/473%20ESCOLAS%20RURAI%20MULTIS%20SERIADAS%20DESAFIOS%20QUANTO%20C3%80%20AFIRMA%20C3%87%20C3%83%20DA%20ESCOLA%20P%20C3%9ABLICA%20DO%20CAMPO%20DE%20QUALIDAD%20E.pdf>. Acesso em: 10 nov 2017

HAGE, S. A. M. **A multissérie em pauta: para transgredir o paradigma seriado nas escolas do campo.** FAGED/UFBA. Disponível em: https://faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/multisserie_pauta_salomao_hage.pdf. Acesso em: 10 nov 2017

INEP/ MEC/. **Sinopse Estatística da Educação Básica: censo escolar 2016.** Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP)/ MEC. Brasília, 2016.

JANATA. N. E. IT. ANHAIA. E. M. **Escolas/Classes Multisseriadas do Campo: reflexões para a formação docente.** Educação & Realidade, Porto Alegre, 2015. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v40n3/2175-6236-edreal-45783.pdf> > Acesso em: 25 de set 2017.

MINAS GERAIS. Resolução nº 449-2002 de 01 de agosto de 2002. **Fixa normas para credenciamento e credenciamento de instituições escolares.** Conselho Estadual de Educação, Belo Horizonte, 2002

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa, usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração, São Paulo, V.1 Nº3, 2º Sem./1996.

RODRIGUES. C. L. **EDUCAÇÃO NO MEIO RURAL: Um estudo sobre salas multisseriadas.** Tese (Mestrado em Educação) –Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 59-91. 2009.(Online) Acesso em: 22 set 2017

SANTOS. W. L. **A prática docente em escolas multisseriadas.** Revista Científica da FASETE 2015. p. 71-80. Disponível em: < http://fase.te.edu.br/revistarios/media/revistas/2015/a_pratica_docente_em_escolas_multisseriadas.pdf > Acesso em: sábado, 28 out 2017

SHIGUNOV NETO, A.; MACIEL, L. S. B. **O ensino jesuítico no período colonial brasileiro: algumas discussões.** Educar, Curitiba, n. 31, p. 169-189, 2008. Editora UFPR. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/er/n31/n31a11.pdf> > Acesso em: 29 out 2017

TERUYA, T. K. et. al. **Classes multisseriadas no Acre**. Rev. bras. Estud. pedagog.(online), Brasília, v. 94, n. 237, p. 564-584, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n237/a11v94n237.pdf> Acesso em: 29 de agosto de 2017,

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Projeto Pedagógico Do Curso De Pedagogia**. Viçosa, MG, 2016. p. 89.

VASCONCELOS, C. do S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político pedagógico**. 17. ed. São Paulo: Libertad, 2007.